

O Povo na Cruz

Mosca, Pulga e Persevejo

SE ALGUM DIA EU MORRER

A intriga da aguardente



A' VENDA
N. 3 — Becco do Souza — N. 3
RECIFE

O Povo na Cruz

Alerta, Brazil, alerta!
Disperta o somno pezado
Abre os olhos que verás
Teu povo sacrificado
Entre peste, fome e guerra
De tudo sobresaltado.

O brasileiro hoje em dia
Luta até para morrer,
Porque depois d'elle morto
Tudo nelle quer roer,
De fórma que até a terra
Não acha mais que comer.

A fome come-lhe a carne
O trabalho gasta o braço
Depois o governo pega-o
Ha de o partir a compasso
Alfandega, Estado, Intendencia
Cada um tira um pedaço.

O medico cobra a receita
O boticario a meizinha

O juiz confisca logo
Alguns bens se acaso tinha
Inda ficando uma parte
Diz a Intendencia, é minha.

Assim morre o brasileiro
Como o bode exposto á chuva,
Tem por direito o imposto
E palmatoria por luva,
Familia só herda delle
Nome de orphão e viuva.

Morrendo um pobre diabo
Se acaso deixar dinheiro
Ainda deixando um filho
Este não é seu herdeiro
Só herda delle o juiz
O escrivão, o coveiro.

E o governo bem vê
Nossos martyrios crueis
Só faz é nos botar selo
Da cabeça até os pés,
Diz de manhã morre um
Ao meio-dia nasce dez.

E grita vá o imposto
Morra quem estiver doente
Morrem cem nascem dez mil,
O Brazil tem muita gente

O tempo vai muito bom
Joga o banquete p'ra frente.

O governo estraga o pão
Dizendo não custou nada
Dinheiro nasce no matto,
Acha-se em qualquer estrada
Vendo o mendigo morrer
Como fosse ao pé da escada.

Porque o pobre infeliz
A quem a fome deu cabo
Diz o prefeito morreu
Pode levar o diabo
Diz o coveiro: de graça
A sepultura não abro.

São essas as garantias
Que competem ao brasileiro
Ter fome em cima do pão
Ser pobre tendo dinheiro
Ser mandado pelos servos
Isto causa desespero.

Como vive o brasileiro
Com tres impostos a pagar
Um corpo com tres feridas
Como assim pode escapar?
Um ser escravo de tres
Se acaba de trabalhar.

São tantas as perseguições
Dos impostos que se paga
Que um fiscal p'ra nação
Não póde haver maior praga
E' como bala de rifle
Onde vai fura ou esmaga.

Não ha mesmo quem resista,
Estes impostos d'agora
Diz o governo que tem
Quer morra tudo em u'a hora?
Quando o norte se acabar
Eu boto bagaço fóra.

E se não houver inverno,
Como o povo todo espera,
De Pernambuco não fica
Nem os esteios da trapera,
Parahyba fica em nada
Rio Grande desespera.

O Ríó de Janeiro, hoje,
Parece um grande condado,
Ri-se e rico, chora o pobre
Lamentando o seu estado
Diz o governo eu vou bem,
Tudo vai do meu agrado.

¶
São Paulo para o governo
E' primor da criação,

E' acho parecido
Com sitio da maldição,
Aquelle que Judas comprou
Com o ouro da traição.

Filho de chefe politico
Inda bem não é gerado
Diz o pai minha mulher
Já tem no ventre um soldado
Mas antes de sentar praça
Eu o quero reformado.

Assim antes de ser casa,
Já podia ser tapéra,
Ou cajú que antes da fructa,
Já a semente prospera,
Ou é raça de pescada
Que antes de ser já era.

Nosso Pernambuco velho
Ha annos anda caipora,
Vendo-se a hora e a instante
Que a capital vai embora
O governo está marcando
Em botar-lhe o bagaço fóra.

Parahyba, coitadinha!
Já perdeu toda esperança,
E' mesmo que uma boneca
Nas unhas d'uma creança,

Faz toda supplica ao governo
Mas supplica e nada alcança.

Em que hoje está tornado
O paiz da Santa Cruz!
Está igual á mariposa
No calor do fogo ou luz,
O brasileiro é um verme,
O estrangeiro é mastruz.

O Brazil hoje só presta,
Para inglez, padre e soldado,
Medicos, feiticeiros e brabos,
O mais vive acabrunhado,
De fórma que fica o mundo,
Por estes só situado.

O rico matando o pobre,
Nem se recolhe a prisão,
Diz logo o advogado,
Matou com muita razão
Se passa um mez na cadeia,
Tem a gratificação.

Mosca, Pulga e Persevejo

Vivo tão aperriado
Neste lugar onde moro

Que diversas vezes choro,
Comtudo vivo zangado,
Vejo piolho de um lado
Moriçosa com gracejo,
Um maruim da-me um beijo,
Grillo nos cantos chiando,
Tudo na casa empurrando,
Mosca, pulga e persevejo.

Dias depois d'eu casado,
Moravamos em Victoria,
Um dia ouvi uma historia
Que fiquei admirado
Achei um lacrau deitado
Na caixa de um realejo,
Ouvi no quarto um trovejo
Como quem fazia critica
Achei tratando em politica,
Mosca, pulga e persevejo.

D'ahi sahi de Victoria
Devido a lá dar sezão,
Cheguei em Jaboaão
Achei quasi a mesma historia,
Dei com uma raça finoria,
Em olhal-a tive pejo
Quando o velho sertanejo,
Da calçada foi gritando:
Olha, aqui estão esperando,
Mosca, pulga e persevejo.

Mudei-me para Afogados,
Não quiz saber mais do matto,
Já achei tres carrapatos
Que me esperavam vexados,
Dizendo: estamos cançados
Por causa de seu traquejo,
Desde hontem é um desejo,
De ver vosmecê chegar,
Aqui tambem vem morar,
Mosca, pulga e persevejo.

Então um nova-seita,
Perto de mim veio morar,
Vi a mosca se queixar,
E a pulga mal satisfeita,
O persevejo em suspeita
Disse logo: eu não desejo,
Graças ao céo, que esse ensejo,
Sempre no fim me serviu,
Desde ahi ninguem mais viu,
Mosca, pulga e persevejo.

Se algum dia eu morrer

Preveni a todos meus parentes
Se por acaso um dia eu fallecer
Não quero bocarra de ninguem
E' caipora com zuada se morrer.

Quataúde se alguem quizer fazer,
Não precisa madeira delicada,
Eu prefiro as taboas da vasilha,
Onde botam aguardente Immaculada.

Ladainhas e officios eu dispenso,
Agua benta não me botem nem um tico
Só desejo uma freira ainda moça,
Que me exhorte cantando o Mangerico.

Padre velho não quero ver nem perto,
Que vá azuar com o seu bemdito
De livro de oração eu só desejo,
O Bexouro, A Pimenta e O Periquito.

Depois que eu morrer procure um frade
Que saiba cançoneta executar,
Isto é, eu não quero frade velho
Que não possa com cangalha e caçuá.

Mortalha para mim tambem dispenso,
Que mortalha de defunto é uma asneira,
Antes quero descer á sepultura,
Embrulhado na saia de uma freira.

Se puderem botar no ataúde
Aguardente de canna um botijão,
E' esmola ou favor que alguem me faz,
Pois no céo nãc existe um barracão.

E' apenas o que quero que me faça,
Por mim ninguem seja incommodado,
Se puderem deem um banho em minha cova,
Com aguardente em dias de finado.

Não convide para o enterro nova-seita
Que me vá incutir o Evangelho,
Isto é, eu recommendo tudo agora,
Estou constricto assim, porque estou velho.

A intriga da aguardente

Me intriguei com aguardente
E direi qual a razão
Por muita imprudencia della
Capricho e malcreação
Porque queria obrigar-me
A fazer cama no chão.

Ella tinha um luxo,
De pôr-se a bulir,
Fazendo eu cahir,
Me dando repucho
Rolando-me o bucho,
Ficando zangada
Tomando chegada
Ao pé da guélla,
Eu gritava a ella
Você está damnada?

Sexta-feira da Paixão,
Nesse tempo eu inda bebia,
Ella um dia me atacou
E fez tão grande arrelia,
Que consuei o jejum
Antes de dar meio-dia.

Então nesse dia
Ella veio damnada,
Com uma caçada,
Que eu desconhecia,
Babava e cuspia,
No chão me esfregando
O povo passando,
Eu dizia: amigo,
Não bulla commigo,
Que estou jejuando.

Um dia fui confessar-me.
Era no fim da semana,
A tres dias não bebia,
Pois a crise era tyranna,
Vi um calix na igreja
Perguntei ali tem canna?

Disse o padre, então
Fallando zangado:
Você está damnado,
Bruto, beberrão!
Tirou um garrafão,

E desarrolhou,
Bem alto gritou:
Puxe por alli!
Tenho canna aqui
Porém não lhe dou.

Eu disse: Deus permitta
Que inda morras de sêde,
Eu te veja com os dentes
Cravados n'uma parede,
Os bicos dos urubús,
Te sirvam de cama ou rede.

Disse finalmente,
O diabo carrega
Aquelle que nega
A outro aguardente,
Morre cruelmente,
Sê enterra até nú,
E um como tu,
Que quando se damna
Bebe tanta canna,
Que só um timbú.

Hoje somos intrigados,
Mas eu não fallo mal d'ella,
Quando vejo-a cumprimento-a,
Dizendo: adeus minha bella!
Vem-me o cheiro ao nariz,
E o gosto na guella.

Porque eu deixei-a,
Não toquei mais n'ella,
Mas saudades d'ella,
A mim contrareia,
Hoje desprezei-a,
Já estou conservado,
Ainda massado,
Digo em segredo,
Um porre bem cedo,
E' bom que é damnado.

No dia que carregava,
A mão na Immaculada,
Ficava surdo de tudo,
E a vista embaraçada,
Não comia cousa alguma,
Tomava canna e mais nada.

A mulher dizia
Está prompto o almoço,
Mas, eu estava grosso
Nem lhe respondia,
Ella repetia,
Ahi eu me armava,
Ella me puxava,
E eu sem demora,
Ia para fóra,
O páo trovejava.

Eu estava anigreja,
Quando era sachristão,

E bem no acto da missa,
Palpitou-me o coração,
No altar mesmo bebi
O vinho da consagração.
Quando o padre olhou,
Eu beber o vinho,
E nem um restinho,
No calix ficou,
O padre voou
Em cima de mim,
E disse por fim,
Amaldiçoado
Não sejas damnado,
Não bebas assim.

Comtudo, assim mesmo,
Nunca fallei da aguardente,
Aguardente alegre os tristes,
Melhora quem está doente,
Faz aleijado correr,
Faz cego ver claramente.

Eu sei que ella tem,
Bôa qualidade,
Tem propriedade,
Que até nos faz bem,
Mas, quando ella vem,
De aljofre assanhado,
Deixando cançado,
A quem bebe de mais,

Tudo que ella faz,
Eu acho damnado.

A mulher fica zangada,
Quando eu começo a beber,
Eu digo deixe de asneira,
Quer tambem? eu mando ver,
Isto serve de remedio
E livra de adoecer.

E ella damnada,
Da-me um empurrão,
Diz: oh profissão!
Amaldiçoada
Que vida damnada,
Só é esta sua
A familia núa,
E nós não comemos,
Ahi nos peguemos
E rolemos na rua.

Deitemos a jogar murro,
Chega uma autoridade,
Eu digo: isto é um brinquedo
De familiaridade,
Nós estamos brigando agora,
Ficaremos bem mais tarde.

Ella o páo passa,
Quebra o botijão,

Entorna-o no chão,
Derrama a cachaça,
Grita: oh! que desgraça!
E' do cachaceiro,
Bruto, desordeiro,
Que bebe a semana
Eu lhe digo a canna,
Custou meu dinheiro.

Mas estas mesmas questões,
Em nada vem se acabar,
Eu bebo tres, quatro dias,
Prometto a ella deixar,
Depois eu pego de novo,
Ahi custa a se brigar.

Eu fiquei massado,
Jurei deixal-a,
Porém desprezal-a,
Assim está damnado,
Pois estou costumado
A dizer-lhe adeus
Pois os dias meus
São dias vexados
Dizem os quilotados
São abusos seus.



4032

O auctor, reserva os seus direitos
de propriedade

(LGB)